Pêndulo da

NA ECONOMIA

de nossos dias a informação – matéria-prima preferencial dos tempos modernos – flui veloz pela capilaridade da internet. Hoje, uma empresa em outro país, outro continente, pode deslocar uma supridora local de insumos graças à conquista de vantagens competitivas. Esse conceito pode encobrir sistemas logísticos mais eficazes, aumento de produtividade do capital ou do trabalho, inovações tecnológicas e também o efeito líquido das políticas públicas, o que, muitas vezes, significa subsídio, favorecimento, proteção ao trabalho e ao capital local.

A essa realidade boa parte do mundo acostumou-se a associar idéias de progresso, aumento de renda, avanço tecnológico ou de gestão, ganhos para o consumidor. Mas o lado perdedor associa a desemprego, exclusão social, marginalização, favelização, violência e por aí vai.

Será que nesse contexto da economia global resta espaço à discussão de temas e conceitos como solidariedade entre vizinhos de rua, de cidades, de países, ou mesmo do planeta? Coisas como inclusão social, preservação ambiental, capital social? O Rio Cooperativo 2000 provou que sim. Conseguiu reunir em dezembro na cidade do Rio de Janeiro cerca de 3 mil representantes do movimento cooperativista de cinco continentes, cujo tom dos discursos não economizou palavras ao identificar os problemas que nossa sociedade ainda não conseguiu resolver. "A solidariedade, a ética, o coletivismo", nas palavras do presidente da Aliança Cooperativista Internacional (ACI), Roberto Rodrigues, "cada vez mais cedem espaço à ambição, ao egoísmo, ao



história

individualismo, e isso se traduz na incapacidade dos ricos – países, instituições ou pessoas – para ajudar a resolver os problemas reais dos mais fracos". O que se explica pelos efeitos da globalização ou "o mundo de redes" a que se referiu o presidente Fernando Henrique Cardoso em seu discurso na abertura do evento. Segundo o presidente, "vivemos em um mundo de redes que começa selvagemente ameaçador, como se o mercado fosse liquidar as instituições sociais; o Estado passa a ser algo dispensável e de repente se descobre que este mundo só funciona em rede". Referia-se à interdependência que reúne hoje em dia pessoas, supridores de insumos, tecnologia, distribuidores, consumidores, ONGs, governo e todos os elos que compõem as diversas cadeias produtivas. Na concepção do presidente as cooperativas são empresas com coração, híbrido de empresa e de organização do terceiro setor, que se caracterizam por juntar diretamente na mesma organização dois aspectos fundamentais do desenvolvimento sustentável: racionalidade econômica e solidariedade social. "É isso que estamos vendo nascer no mundo contemporâneo, que não é um mundo de nuvens pesadas apenas", conclui. Não é por outro motivo que AGROANALYSIS *resolveu registrar nesta edição o Rio Cooperativo 2000. Aqui o leitor encontrará as premissas, o desenvolvimento das teses e as conclusões do encontro. Além de textos reflexivos sobre o tema, que a cada dia que passa está mais atual. É o pêndulo da história.*

